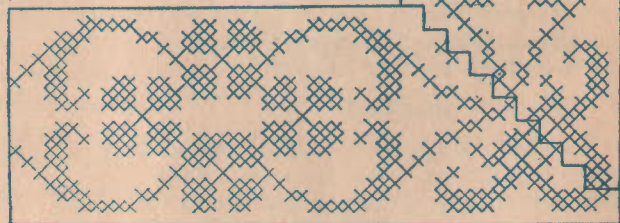
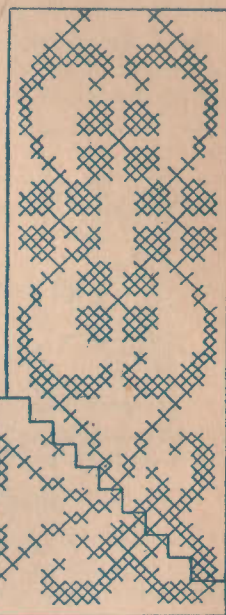




TRABALHOS
DE
MÃOS



Boa Semente

JULHO - AGOSTO DE 1959



GRÃOS DE

LITURGIA

O corpo de um cristão é um templo do Espírito Santo. Portanto o corpo merece respeito mesmo depois da morte.

A Igreja honra a morte do cristão com liturgia própria, celebração de exéquias, e sepultura em terreno abençoado. O corpo é depositado na terra, como uma semente, pois no dia do juízo há-de ressuscitar.

«Semeia-se corrupto e ressuscita incorrupto». Quer dizer; uma coisa que se estraga e apodrece, há-de vir a ser pura e eterna. Por isso ao cemitério se chama Campo Santo.

Infelizmente, nem todos fazem, nem todos sabem fazer o que devem, quando têm a notícia da morte de alguém.

Pensa-se muitas vezes nos agravos que se têm dessa pessoa. Hesita-se. Haverá ou não de ir visitar a família. Pensa-se no fato preto que se há-de levar, na hora a que mais convém lá ir, no enfado que se terá durante uma ou duas horas, etc... E esquece-se o mais importante.

Em casa do falecido o velar do corpo não é mais que uma reunião onde se conversa, e não se acompanha aquela alma que, quem sabe, estará pedindo as nossas orações.

Portanto o que devemos fazer quando entramos na casa onde está um morto?

Antes de mais nada, antes de cumprimentar as pessoas de família, antes de olhar em volta a ver quem está, antes de ir destapar ou beijar a face ou a mão do defunto, logo que entramos, devemos, em pensamento, pormo-nos na presença de Deus. Ajoelhamos e rezamos.

Não importa quais orações, nem quantas, por aquela alma que já afastada do corpo estará para ser julgada.

«Dai-lhe Senhor o descanso eterno».

Estas palavras simplesmente, dizem o que nós vamos fazer.

Pedir a Deus que perdoe àquele ou àquela com quem nós convivemos e lhe dê a paz eterna como nós desejamos para nós.

Depois, se não houver entre as pessoas presentes quem se lembre de rezar em conjunto, temos de pôr de parte o acanhamento, o «respeito humano», ou seja o medo de parecer mal, a vergonha, o receio daquilo que dirão, e, em voz baixa convidaremos as outras pessoas a rezar o terço.

Estão ali pessoas descrentes, sem ne-

nhuma fé, ou apenas despreocupadas, que levam a vida a rir e não querem nem sequer lembrar a morte? Tanto melhor.

É uma ocasião que não devemos perder de lhes mostrar o que a nossa fé nos diz. Que *esperamos na vida eterna!*

Quem sabe se algumas dessas pessoas não serão nesse dia tocadas pela graça à vista desse caixão, comparando o seu horror à morte, com a nossa esperança no céu.

A nossa ação de Lacistas pode ser de um grande alcance nessas ocasiões, quer pelas nossas orações pela alma que vai, quer nas palavras de conforto que diremos aos parentes enlutados.

Ouvimos certos gritos desesperados, choros sem fim, palavras horríveis, pensamentos... que são ofensa a Deus!

Por exemplo: «E Deus faz uma coisa destas... levar a neta que é nova e faz falta, e deixar ali o avô que só nos dá trabalhos...» ou então «antes morresse eu que estou farta desta maldita vida e ficasse ela que ainda tinha muito que gozar».

E então, nós ali estamos presentes para desagrar Nosso Senhor: Não, tudo o que Deus faz é por bem.

Não temos mais do que aceitar a Sua vontade.

Perdoai-lhes Senhor porque não sabem que vos ofendem.

A morte do pecador é horrível porque ele vai para o seu juiz e à sua condenação, ao passo que o falecimento do bom cristão é cheio de esperança.

Longe de ser uma entrada para o escuro e medonho, é uma subida para a luz.

A liturgia da Igreja que acompanha o doente nos seus últimos momentos com a Extrema Unção, acompanha ainda esse corpo que ressuscitará no último dia.

Em nome da Igreja, o padre vai a casa buscar o corpo do defunto, benze-o e acompanha-o até ao cemitério, não esquecendo que esse corpo foi morada de Deus.

Todos devemos acompanhar, unir-nos e corresponder às orações do padre, pois são as orações da Igreja. Todos fazemos parte do mesmo corpo místico, e temos obrigação de rezar pelos que morrem.

Disse alguém:

Quando ouvires tocar o sino.

Não perguntes: «Quem morreu?»

Reza: Foi um irmão teu.

